

C. M. B.  
BIBLIOTECA

ANO III — N.º 149

Redacção, Admin. e oficinas

TIP. FERNANDO MARINHO

BARCELOS

Editor Armindo Sousa

Direcção de Manuel Marinho

Prop. da Emp. A Opinião

# A OPINIÃO

Bi-semanário Republicano

DOMINGO

12 DE AGOSTO DE 1928

Publica-se ás Quintas-feiras e

Domingo

## A VIOLENCIA DE MEDIDAS FISCAIS

Crise de produção—  
Excesso tributario

Conforme os dias vão passando, repetindo-se com o ritmo cadenciado da ampulheta ou a mecanica engenhosa do tic-tac dum relógio, tambem, sinceramente, nos aparecem as causas que hão-de dificultar a regular cobrança dos agravamentos fiscaes recentemente lançados.

Alem da desastrosa colheita de cereais e gramineas que ao Alemtejo deram zonas de completa destruição, temos quasi fechados os mercados de colocação dos nossos vinhos. Até a propria Inglaterra, que lucha com uma enorme crise de produção e comercio externo, segundo as ultimas estatísticas, de Londres, importou-nos em 1927, 33.930 pipas de vinho, ao passo que este ano reduziu o seu consumo para 17.021 pipas, metade do anterior.

E dos paizes fornecedores de vinhos á nossa secular aliada, é Portugal o mais sacrificado, pois lhe diminuíram a importação para 49 %.

O presente ano agricola está decorrendo com as graves características dum pronunciante cataclismo. Ha pontos do paiz onde, segundo calculos trazidos á imprensa, as ultimas chuvas tempestuosas acarretaram a perda de milhares e milhares de pipas de vinho, e as providencias, instantes, reclamadas para a mortifera doença que yem aniquilando os milharais, já não acode a campos completamente desbastados.

Nos restantes productos da terra a escassêz é manifestamente desoladora, a principiar pelos batataes, queimados quasi em absoluto, e a carencia de fructas que, nesta epoca, pela sua abundancia e riquezas natas, costumam sêr o predilecto alimento das populações.

Sob o pesadelo inflexível dum espectativa assim asfixiante, e reduzida como vai sêr a colheita de milho, não se devem esconder as agruras a sofrer, pois melhor será ir, não só preparando o espirito publico para a crise, como procurando receituário com que acudir-lhe.

Se, pelos calculos feitos, existem 2/3 partes do paiz que consomem pão trigo, ha 1/3 parte, e que é a casta chamada rural, que se alimenta de pão de milho e centeio.

Ora, tendo sido o ano escasso de trigo e sendo-o egualmente, agora, de milho e centeio (que quantidade extraordinaria não será preciso importar de cereal exótico? E quanto maior fôr o seu consumo, mais se elevará o êxodo do ouro nacional, o que não pode deixar de reflectir-se na nossa balança economica atingindo, consequentemente, a divisa cambial.

E' velho nos orçamentos do Estado o espectro da verba para compra de trigo estrangeiro com que se procura cobrir o deficit da nossa diminuta produção. A periodicidade das crises daí resultantes foram sempre sanadas, é certo, com expedientes de ocasião que remediavam os efeitos sem cuidar das causas.

Todavia, até ás ultimas exigencias fiscaes, subsistiam as origens anteriores; mas, ao presente, ficam lesivamente agravadas com o aumento das contribuições como contra-partida a uma colheita reduzidissima.

A base da tributação ilaqueia e cai num ruinoso desequilibrio economico, desde que a sua capacidade, em rendimento, não comporte a excessiva percentagem dos impostos directos, pois quanto aos indirectos a escassêz de consumo pela falta de productos naturalmente os reduz.

Face a face com realidades que, como os crescentes acessos febris, nos dão, patologicamente, os sintomas dum doença grave, logico é que se procurem os varios elementos de cura, associando, no mesmo proposito, todas as competencias por meio dum processo que conjugue as vontades de intrinseco valor, das diferentes proveniencias sociais e arredando, para longe o espirito de predominio de classe.

Desde que o interesse e a paixão por um determinado estado de coisas não recôlha um apoio geral e não represente uma aspiração comum, não é possível caminhar, a não sêr esbarrando, a todo o momento, com escolhos ou obstaculos insuperaveis.

Ainda hoje os grandes paizes hegemonicos como a Inglaterra, a França, a America e até a propria Alemanha, que o mundo dirige, afinal, nas suas relações commerciaes e diplomati-

cas, procuram, para a solução das suas crises e por meio dos Paramentos que todas elas possuem, o consenso geral dos seus habitantes.

Foi assim que a França, recentemente, alcançou a lei de estabilisação do franco; foi assim que a Alemanha obtivera já uma cifra exportadora superior á de 1914; foi assim que a America fechou os seus portos á emigração e elevou os preços dos salarios para que, a sua produção abundante aos proprios operarios se tornasse acessível; foi assim tambem que a Inglaterra, na Conferencia Imperial de Londres estabeleceu uma politica de reciprocas regalias

entre a Metropole e os seus domínios.

Será, finalmente, assim e só assim que a massa colectiva portugueza, excessivamente ciosa das suas regalias de direitos e liberdades, comungará numa aspiração que a todos agrade. E esta é a natural sequencia dos acontecimentos na vida dos povos. Quem deles, com inteligente previsão, tirar as logicas deduições e á sua natural succção dispensar particular atenção, para isso, contribuindo cautelosa e sabiamente, terá dado uma boa lição de psicologia politica.

Salvato Moline

## Pela Repartição de Finanças

Apurem-se responsabilidades

E' certo e nunca será demais repetir-o: *Roma e Pavia não se fizeram num dia.*

Por isso mesmo é que nós não temos pressa, e, tambem, necessario é que seja assim, pois é norma aqui seguida não fazer referencias que não possam, mais ou menos, sêr comprovadas.

Ainda um destes dias, tocando, ao acaso, em conversa, nos assuntos que trazem, ou, pelo menos, aparentam uma auzencia de direcção normal nos serviços da nossa Repartição de Finanças ouvimos aludir a um facto que expomos sem lhe darmos, claro é, o valor afirmativo que, por ventura, possa ter, averiguado que seja tanto na sua origem como nas suas posteriores características.

Em dado momento, e por indicação do chefe da Repartição, foi proposto para Escrivão das Execuções Fiscaes, um tal Leiras, natural da freguezia de Parque deste concelho. Ora, sabe-se que este homem, alem de ter sido expulso do Corpo de Policia Civica, de Braga, por flagrantes irregularidades, e dispensado dos serviços de cobrança dos Impostos Camararios da nossa vila, por a eles não convir, é um cadastrado com pena de cadeia, aqui cumprida, pelo crime de roubo. Consta insistentemente que, aos documentos para sua nomeação juntou um certificado do Registo Criminal, adquirido em Braga, visto que o de Barcelos, donde é natural, inhabilitava a sua admissão a tal lugar. Diz-se tambem que, ultimamente, este escrivão fôra demittido em 4 de Junho proximo passado do que logo lhe foi dado conhecimento. Pois o certo é resnar-se que continua, ainda, a praticar o serviço de citações pelas freguezias. Será isto positivamente verdadeiro? Em nosso poder temos um documento de sua letra e assinado com as iniciais J. C. L. (Jerónimo Costa Leiras) com data de 14 de Junho do corrente ano, e, portanto, já depois da sua demissão, se é certo ella lhe ter sido dada em 4 do referido mez.

Do que não resta duvida alguma, é que toda a gente sabia que esse Leiras era um correccional e, muito menos o podia ignorar o chefe da Repartição, pois a esse incumbiu o dever do meticoloso cuidado na indicação do pessoal nomeado por sua proposta. ¿Que denota isto senão a mais aberta auzencia de criterio e previa cautela na direcção de serviços? Acentuemos ainda que, quanto á anor-

malidade e falta de uniforme direcção nos serviços da Repartição, não sómos só nós quem a notou, pois o proprio pessoal o primeiro tem sido—honra lhe seja feita— a confessal-a e até a estranhal-a, não só no interesse do Estado como no seu proprio interesse. E convictos estamos nós que todos os funcionarios da Repartição serão incapazes de deixar de dizer amanhã, aquilo que sempre tem dito e de que ha publico testemunho.

Mas, facil é encurtar razões desde que as instancias superiores determinem uma averiguação que, já agora, se impõe como indispensavel para bem de todos.

E todo o nosso empenho, consiste, exactamente nisso, afim de que justiça seja feita a quem justiça merece.

Quereis dinheiro?

Jogai no

*Gama*

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS

Bilhetes 170\$00, Meios 85\$00, Quartos 42\$50, Vigessimos 8\$50 e Cautelas 2\$50.

Pelo correio mais \$80 para registo.

Atende todos os pedidos da Provincia.

SEMPRE SORTES GRANDES

Registando

O correspondente desta villa para «O Primeiro de Janeiro» na sua carta de 5 ali publicada, falando a proposito da inauguração das novas instalações da luz electrica no Jardim Publico no passado domingo, rematava assim essa noticia:

«A lembrança deste melhoramento deve-se ao pedido que o bi-semanário «A Opinião» formulou nesse sentido.»

Este numero foi visado pela  
Comissão de Censura

AVENIDA



PELOS BOMBEIROS  
VOLUNTARIOS

LOUVOR

Associando-nos, com muita satisfação, ao justo louvor com que foi galardoado o prestantissimo farmaceutico dos nossos bombeiros, sr. João Pacheco Leite, transcrevemos, em seguida a ordem de serviço em que essa homenagem lhe é prestada:

«Não só pelo que verbalmente me informou o chefe n.º 10, que comandou a guarnição do auto-segundo-socorro Peugeot — quando, na noite de 26 de julho ultimo, foi á freguesia de Nine, para prestar socorros em um incendio que ali se manifestou —, como também pela comunicação que, em seu officio de 31 do mesmo mês, se dignou fazer-me o digno Inspector de Serviços de Incendios de Famalicão, verificou-se que o prestimoso e sempre dedicado farmaceutico deste corpo, ex.º sr. João Pacheco Leite, prestou ali prontos, valiosos e proficientes socorros ao bombeiro-clarim da briosa corporação dos Voluntarios de Famalicão, sr. Antonio Forte, que, durante os serviços de ataque ao mesmo incendio, sofreu uma queda, ficando bastante maltratado.

Por este acto de excepcional aptidão e notavel dedicacão, apraz-me louvar, nos termos do n.º 1.º do art.º 19 do Regulamento do Corpo Activo, o referido ex.º Farmaceutico.

O comandante: — Manoel Pereira Esteves.»

DONATIVOS

No cofre associativo, deram entrada, ultimamente, os donativos seguintes:

100 escudos, do sr. José Rodrigues da Costa, sufragando a alma de sua esposa; 100 escudos, da familia do sr. Manoel Ramos de Paula, sufragando a alma desse seu antigo e prestante Presidente;

100 escudos, da familia da sr.ª D. Emilia Lucena Veloso, sufragando a alma da mesma; e 20 escudos, do sr. Antonio José Lima, para ajuda da despeza com a ida do auto-socorro, por occasião do incendio que ultimamente se manifestou em sua casa, na freguesia de Pereira.

No cofre da Caixa Economica do Corpo Activo, deu tambem entrada a quantia de 100 escudos de um anonimo, sufragando a alma de Delfino Esteves.

RECORTES

Do nosso colega do Porto «O Primeiro de Janeiro», de terça-feira:

«Por andar descalça — Recolheu ontem ao hospital da Misericordia uma rapariga de Vila do Conde que espetara num pé uma farpa de madeira. O sr. dr. Gil da Costa, que a socorreu logo que chegou áquelle estabelecimento hospitalar, verificou que o estado da infeliz é gravissimo por se lhe ter manifestado o tetano.

O facto é bastante demonstrativo da necessidade imperiosa, que a bem da humanidade se impõe, de tornar extensiva ou geral a todas as localidades do paiz a salutar medida adoptada no Porto da prohibição do pé descalço.»

É facil. Assim como as autoridades do Porto se impozeram para conseguir fim tão higienico, quaisquer outras o mesmo podem fazer.

Abundamos nas ideias do escritor Julio Dantas quando diz «que as mãos foram feitas para se mostrar, e os pés para se esconder».

Correspondencia de Valongo:

«Co're pessimo o ano agricola agravado com o desproporcional aumento de contribuições e impostos que nos flagellam, reduzindo-nos a uma situação gravissima.

O commercio e a industria afrouxom. Ha fabricas e casus comerciais fechadas. O pão sobe e as castanhas de trigo estão a 25 e 30 centavos cada.»

Soma e segue, como é costume dizer-se.

De relance...

DESFAZENDO INSIDIAS

Um destes dias ao lermos, por acaso, um numero atrazado do semanario local «O Barcelense» deparamos com um artigo ao centro do jornal que, aludindo ao ultimo pronunciamento militar, entre varias perfidias insinuava que esse movimento procurou eclodir exactamente na hora em que «... as recebedorias de todas as terras do paiz deviam já ter recolhido uns milhares de contos...» e em que «... os cofres da nação abarrotavam já de dinheiro...»

Esta accusação cospe sobre essa parte do Exercito uma nodoa que não merece, tanto mais que esses elementos, na sua quasi totalidade, são dos que apoiaram o movimento do 28 de maio, embora, presentemente, discorrem de muitos dos seus actos.

Logo constituem um grupo daqueles a quem «O Barcelense», em varias occasões distinguuiu com encomiasticos louvores.

E cremos bem ninguem ignorar que essa insurreição teve inicio em diferentes frações militares, o que mais agrava as injustas insidias desse jornal.

No artigo referido e epigrafado «A nossa expectativa» data-do de 28 de julho passado, consideram-se como capazes de roubo aos cofres do Estado esses militares que são honestos e di-

gnos, a muitos dos quais nós conhecemos e por sua honra podemos jurar.

Se ha mais tempo houvessemos lido esse artigo ha mais tempo tambem teriamos aqui deixado o nosso veemente protesto.

Para criticar aqueles que se insubordinam contra um estado de coisas de que divergem, não ha o direito de ofender o seu prestigio e brio militar reputando-os capazes de crimes que deslustram e apoucam o caracter dos que os cometem.

A não ser que «O Barcelense» considere esses militares como os monarchicos de 1919 que assaltaram e roubaram os cofres do Estado e dos quartéis, alem da fraude do papel—moeda e outras burlas de igual jaez.

Ou ainda incluindo-os no numero dos ladravazes de «O Correio da Manhã» que exigiram ao Estado a indemnisação dumaverba que o exame dos peritos classificou de autentico roubo.

Se da parte de «O Barcelense» existisse maior respeito pela honra dos outros, certamente não cometeria semelhante infamia.

Julgará por ventura que os republicanos são do ordinario estófo da súcia criminosa dos trauliteiros?

FLOR DO TOJO

A estação de Durrães que ultimamente abriu ao serviço publico, ficou denominada, para efeitos de correspondencia registada, Camp. do Forno.

A junta medica de Braga arbitrou 45 dias de licença para tratamento ao Ex.º Sr. Adriano de Sá Carvalho, inspector chefe dos serviços deste Districto.

O nosso amigo sr. João José da Silva Vieira, inteligente, oficial principal e republicano da velha guarda que, ha anos chefiou com geral agrado a estação telegrafo-postal desta vila, foi nomeado para igual cargo para a estação de Braga, motivo por que sinceramente o felicitamos.

O carteiro sr. Firmino Lima entrou no goso de 30 dias de licença.

Da estação central dos Correios de Lisboa fazem-se as seguintes expedições de malas postais.

Dia 13, pelo paquete inglez «Almazora», para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Aires.

Todas as terças-feiras partem do Funchal e por paquetes inglezes malas postais para Africa Austral, Cap Tow e Elisabeth.

SACOS DE PAPEL

Primeira 1\$45  
Segunda 1\$20

Pedidos a

Ferreira Dias, Limitada  
Barcelos

PELOS CORREIOS  
E TELEGRAFOS

Horario da recepção e expedição de malas na estação telegrafo-postal de Barcelos

Recepção

Ezposende	8 h.
Aldeias	9,15 h.
Ambulancia Minho I ( toda a parte sul do paiz e estrangeiro)	10 h.
Ezposende (a)	17 h.
Ambulancia Minho II (Alto Minho e Galisa); Braga; Porto; e Lisboa	19 h.

(a) Trás as malas de Vila Cova, Mariz e Vila Frescainha (S. Martinho).

Expedição

Braga; Porto; Lisboa-Central; Lisboa-Norte	8,15 h.
Ambulancia Minho I (Alto Minho e Galisa)	9,30 h.
Ezposende (b)	10,30 h.
Aldeias (c)	12 h.
Ambulancia Minho II ( toda a parte sul do paiz e estrangeiro)	17,15 h.
Ezposende	19,15 h.

(b) Leva as malas de Vila Cova, Mariz e Vila Frescainha (S. Martinho).

(c) A's 2.ª-feiras e dias seguintes aos feriados nacionais esta expedição é feita mais cedo 1 hora.

NOTA: As ultimas tiragens de correspondencia, da caixa geral, é feita 10 minutos antes da expedição das malas.

SOCIEDADE

Aniversarios

Passaram: Ontem, o das senhoras D. Julia Cardoso de Albuquerque e D. Joana Caria Respeita.

No dia 10, o do sr. coronel Antonio Faria dos Santos Lapa.

Passam: Amanhã, o do sr. João de Sousa e Silva.

Cumprimentamos aqui o nosso amigo e patricio, residente em Braga, sr. Adelino Miranda.

—Tambem cumprimentamos nesta vila o nosso amigo sr. José Vilaça, distinto arquiteto.

—Com sua esposa e fillinho encontra-se na praia da Apulia o nosso amigo sr. Albino da Silva Padrão.

—A passar uma temporada de repouso encontra-se na sua rica quinta de Arcuzelo o nosso distinto amigo e assinante, importante capitalista, sr. Coronel Fogaca Guimarães.

—Cumprimentamos em «Opinião» o nosso amigo e assinante sr. Adelino Dias da Cunha, de Nine.

—Encontram-se tambem na Apulia, com suas familias, os sr.s Manoel Pereira de Vilas Boas e Sergio Lopes dos Santos.

—Esteve no Porto o nosso amigo e conceituado negociante desta praça sr. José Adolfo Guimarães Cibião.

—Estiveram em Vigo, de passeio, os nossos amigos sr. Alexandre Pena, Antonio Augusto Veloso de Araujo, Abilio Sobral e Telmo Carvalho.

—Tivemos o agradabilissimo prazer de cumprimentar e ver muito melhor dos seus sofrimentos o nosso presado amigo sr. Luiz Teixeira de Melo. Que a convalescença, agora, seja rapida, são os nossos mais ardentes desejos.

—Encontra-se nesta vila, sendo hospede do nosso preclaro amigo sr. Benigno Perestrelo, distinto aspirante de Finanças, o nosso tambem amigo sr. Renato Lemos, inteligente Fiscal dos Impostos.

—Esteve no Porto, em serviço medico, o distinto clinico e nosso amigo, sr. dr. Adelio Carvalho Marinho da Silva.

—Esteve em Ponte do Lima, ontem, o nosso sincero amigo sr. tenente Sousa Pinto.

—Tambem se encontram na Apulia, com suas familias, o sr. José das Neves Ribeiro Magalhães, activo e inteligente guarda livros do Banco de Barcelos, e o nosso amigo sr. Hilario Barreiros, inteligente e zeloso ajudante de notario e proprietario.

—Dev-nos a honra da sua visita á «A Opinião», ante-ontem, a intelegentissima poetisa e jornalista, sr.ª D. Maria Feio.

Republicanos:

Lembrai-vos que não é bom republicano aquele que, em vez de coadjuvar a sua imprensa, anuncia em jornais monarchicos.

Obras paralisadas

Ha dias que se encontram paralisadas as obras da nossa egreja matriz, dando, por tal motivo, um aspecto ao Largo da Camara muito desagradavel e incomodo. Informam-nos que se espera por dinheiro.

Devem-se proseguirem essas obras e o mais depressa possivel, pois tambem mais depressa se arruma com o grande montão de pedra, quasi toda posta de parte nessas obras, e com o entulho, que quasi toma todo aquele muito movimentado Largo.

Já que as principiaram, vamos, mãos ás obras, ainda que com um pouco de sacrificio.